

Cid Seixas e Adriano Eysen
(Org.)

ORPHEU EM PESSOA



Simpósio Internacional 100 anos da revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

ORPHEU EM PESSOA

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos visitar, neste ano de 2015, a história de uma publicação de apenas dois números, formada por jovens rapazes. Não obstante a sua brevidade, *Orpheu*, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma.

Essa e outras questões, sobre uma geração que teve como centro constelar o poeta Fernando Pessoa, são tratadas neste livro que é uma reunião de alguns trabalhos apresentados ao SIMPÓSIO INTERNACIONAL 100 ANOS DA REVISTA *ORPHEU*: FERNANDO PESSOA E AS POÉTICAS DA MODERNIDADE.

São ao todo dez autores que apresentam diferentes enfoques dos temas abordados.

Mestres e discípulos: a tradição esotérica no modernismo português (Pessoa e Almada)

Manuela Parreira da Silva

Universidade Nova de Lisboa

Entre outros modos, a Tradição é preservada pela transmissão de Mestre a Discípulo. Tomo aqui a palavra Tradição (com maiúscula) no seu sentido esotérico. Tradição como conhecimento, sabedoria primordial, eventualmente de origem não humana – daí a expressão *philosophia perennis*, usada durante séculos para significar aquilo que, sobretudo a partir do século XIX, se passou a designar por esoterismo; fundo comum onde entroncam tradições diversas (como o Hermetismo, o Pitagorismo, o Neo-platonismo, a Alquimia, a Astrologia, a Magia, o Rosicrucismo, a Maçonaria, a Kabbalah – palavra que também significa «transmissão»). É este «*corpus* referencial», no dizer de Antoine Faivre, formado por um conjunto assinalável de textos, reencontrados ou reinterpretados, ou de obras novas neles inspiradas, que ganha importância nos finais de oitocentos e vai seduzir os meios intelectuais europeus.

O que há de comum em todos esses ramos da Tradição é a crença na possibilidade de aceder, precisamente, a esse conhecimento ou a essa sabedoria, de conhecer

Deus ou o mundo divino e os seus mistérios, de entrar em comunhão com as forças cósmicas ou com a Natureza. O caminho de acesso preconizado por todas essas tradições é o caminho do interiorismo, que pressupõe sempre uma iniciação. Este caminho para o interior de si-mesmo e para a iluminação pode ser solitário, feito embora com o auxílio dos textos adequados, ou, de preferência com o contributo fundamental de um iniciador (um Mestre) isolado ou integrado numa Escola iniciática.

Lembro que Fernando Pessoa se declara, numa Nota Biográfica escrita no último ano da sua vida, «Iniciado, por comunicação directa de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal» (Pessoa, 1986: 1429). Aliás, já em 28 de Janeiro de 1934, em carta enviada ao director do jornal *A Voz*, protestando contra a campanha anti-maçónica levada a cabo pelo periódico, Pessoa assina «Um Irregular do Transepto». A expressão, opaca para os não iniciados, é elucidada pelo próprio Pessoa, num do inúmeros fragmentos sobre as Ordens do Átrio, do Claustro e do Templo que deixou no seu espólio:

Seguem-se, passado o Transepto – ou regularmente, por iniciação plenária em qualquer das duas ordens citadas; ou irregularmente, por contacto directo com os Altos Iniciadores, e sem necessidade portanto de passar por qualquer dessas ordens – as chamadas Ordens do Claustro ou Altas Ordens. (*ibid.*: 510)

Aparentemente, também aqui, o poeta está a dar-nos a chave para o seu «caso»: iniciado por *contacto directo*

com o(s) Mestre(s). Contudo, numa carta de 13 de Janeiro de 1935 a Adolfo Casais Monteiro, explicita:

Quanto a “iniciação” ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertença a Ordem Iniciática nenhuma. A citação, epígrafe ao meu poema “Eros e Psyche”, de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente – o que é facto – que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência, desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho. (Pessoa, 1999: 347)

A carta a Casais Monteiro é anterior à publicação do conhecido artigo «Associações Secretas» no *Diário de Lisboa* (4-2-1935), contra o projecto de lei de José Cabral, através do qual o governo de Salazar proibia a Maçonaria. Nele, Fernando Pessoa escreve, a dada altura:

Não sou maçom, nem pertença a qualquer outra Ordem, semelhante ou diferente. Não sou porém anti-maçom, pois o que sei do assunto me leva a ter uma ideia absolutamente favorável da Ordem Maçónica. A estas duas circunstâncias, que em certo modo me habilitam a poder ser imparcial na matéria, acresce a de que, por virtude de certos estudos meus, cuja natureza confina com a parte oculta da Maçonaria – parte que nada tem de político ou social, - fui necessariamente levado a estudar também esse assunto – assunto muito belo, mas muito difícil, sobretudo para quem o estuda de fora. Tendo eu, porém, certa preparação, cuja natureza me não proponho indicar, pude ir, embora lentamente, compreendendo o que lia e sabendo meditar o que compreendia. (Pessoa, 1986: 474-475)

O assunto é posteriormente retomado num texto por acabar, mas que, tudo indica, serviria para dar continuidade ou resposta às perplexidades levantadas pelo referido artigo. Aí, esclarece:

(1) Uma Ordem iniciática é verdadeiramente uma Ordem só quando está em, actividade – isto é, quando tem abertos os seus templos, ou o seu templo único, e realiza sessões e iniciações em ritual vivido. Quando em dormência, ou vida latente e simplesmente transmitida, não é propriamente uma Ordem, mas tam-somente um sistema de iniciação, avanço e completamento. São os três termos que competem à conferência, por exemplo, dos três Graus Menores da Ordem Templária de Portugal.

(2) Por isso eu disse, legitimamente, que não pertencia a Ordem nenhuma. Não podia legitimamente dizer que não tinha nenhuma iniciação. Antes, para quem pudesse entender, insinuei que a tinha, quando falei de “uma preparação especial, cuja natureza me não proponho indicar.” (...) Não posso pois dizer que pertença à Ordem Templária de Portugal. Posso dizer, e digo, que sou templário português. Digo-o devidamente autorizado. E, dito, fica dito. (Pessoa, 1993: 334¹)

Estas declarações são suficientemente esclarecedoras para os que não duvidam de uma filiação «ocultista» de Pessoa. São, porém, também algo enigmáticas, o que tem levado os investigadores interessados particularmente nesta vertente da sua vida-obra a questionar-se: em que circunstâncias e por quem terá sido, de facto, iniciado? quais os seus Mestres? que veracidade existe nesta Ordem Templária de Portugal? E a verdade é que, pelo

¹ Actualizo a ortografia do texto publicado na ortografia original de Pessoa.

menos, relativamente à existência, «em dormência», desta Ordem, muito haverá ainda a compulsar nos textos inéditos do espólio pessoano. O próprio poeta, como refere Manuel J. Gandra, pondera que a Companhia de Jesus fora fundada pela Ordem de Cristo (herdeira, por sua vez, da Ordem do Templo), «para transmutação alquímica da Igreja católica» (Franco, 2010: 882). Ora, terão sido aquela Companhia e a Maçonaria, «as executoras do legado» dos Templários e de Jacques de Molay. Neste caso, a Ordem Templária de Portugal continuaria «escondida» sob outras vestes.

De qualquer modo, parece-me que nada nos autoriza a invocar o pendor ficcionista ou mistificador de Pessoa para desacreditar as suas declarações e, portanto, o facto de ter tido a sua uma iniciação de cariz templário. O mesmo se não poderia dizer relativamente à pretensa iniciação de Pessoa por Aleister Crowley, por ocasião do seu encontro «mágico», em 1930, sobre o qual muito se tem especulado. O artigo de Steffen Dix, intitulado «Um encontro impossível e um suicídio possível: Fernando Pessoa e Aleister Crowley», vem confirmar como a relação entre o poeta português e o mago inglês se apresenta «com contornos muito mais “profanos” do que “esotéricos”» e como, na correspondência por eles trocada, «as referências aos fenómenos ou ordens ocultas são quase inexistentes» (Dix, 2009, p.63). Assim, a pretensa captação de Pessoa para a Ordo Templi Orientis (que se afirmava como possuidora do segredo último da Magia, a magia sexual) ou mesmo para a Astrum Argentum (ordem de carácter mais individual, fundada pelo próprio Crowley e Cecil Jones, em 1907,

depois da sua dissidência da Golden Dawn) pode não ser mais do que pura especulação.

Será, no entanto, plausível aventar a hipótese, a partir de alguns destes testemunhos, de que a iniciação de F. Pessoa tenha sido uma «auto-iniciação»? De um ponto de vista estritamente esotérico, as iniciações feitas fora dos meios comuns ou usuais (isto é, por um Mestre e dentro de uma Escola tradicional), como sublinha René Guénon, para além de serem sempre fragmentárias, incompletas e não recomendáveis, são também excepcionais, pois produzem-se apenas «quand certaines circonstances rendent la transmission normale impossible» e com «individualités possédant des qualifications qui dépassent beaucoup l'ordinaire et ayant des aspirations assez fortes pour attirer en quelque sorte à elles l'influence spirituelle qu'elles peuvent rechercher par leurs propres moyens (...)» (Guénon, 1974:56)². Poderia ser este o caso de Pessoa?

Num dos inúmeros fragmentos que deixou sobre a questão, Pessoa parece concordar com as reservas de Guénon:

Iniciar alguém, no sentido hermético, é conferir-lhe conhecimentos que ele não poderia obter por si, quer pela leitura de livros, quer pelo exercício da sua inteligência, por forte que seja, quer pela leitura de livros à luz dessa mesma inteligência. (E3/53A-10)³

² Guénon fala, mais adiante, das «pseudo-iniciações», como todas aquelas que pretendem basear-se em «formes traditionnelles n'ayant plus actuellement aucune existence effective» (*ibid.*, p.170).

³ Actualizo a ortografia do manuscrito autógrafa.

A existência de numerosos rascunhos (alguns deles já publicados), em que, exaustivamente, o poeta descreve ou encena rituais de iniciação, faz supor que estamos nos arredores da actividade literária. Não se trata, pois, de textos impressos ou sequer acabados que pudessem remeter-nos para material de estudo que tivesse conservado. São manuscritos autógrafos que, quando muito, se destinariam, quando terminados e passados a limpo, a um uso alheio.

Neste ponto, não podemos deixar de ter em conta a forma como Pessoa constrói a sua obra. Para ele, a própria criação literária é uma das vias iniciáticas (senão a via por excelência) de acesso ao mistério e à sua decifração. Pensemos, por exemplo, no jogo heteronímico, em que Caeiro é feito ser o Mestre, sendo, nessa qualidade, aquele que mostra o caminho, mas sobretudo aquele que, como todo o Mestre, faz acordar nos discípulos as suas potencialidades:

Desde que conheceu Caeiro, e lhe ouviu o “Guardador de Rebanhos”, Ricardo Reis começou a saber que era organicamente poeta. (...) Mas o certo é que Ricardo Reis deixou de ser mulher para ser homem, ou deixou de ser homem para ser mulher – como se preferir – quando teve esse contacto com Caeiro. (Campos, 1997: 73).

Também de acordo com o «discípulo» Álvaro de Campos, António Mora «Encontrou Caeiro e encontrou a verdade» (*ibid.*: 74). E ele mesmo, ao conhecer Caeiro em 1914, encontrou-se e libertou-se:

Fiquei liberto. De então em diante eu era um daqueles Rosa-Cruz, de quem reza a lenda ou a verdade, que, semelhantes por fora a todos os humanos, e conformes com os costumes e maneiras do mundo igualitário, têm consigo o segredo do Universo e sabem sempre onde está “a porta da fuga” e a magia da essência. (ibid.: 85).

É através da obra literária que Fernando Pessoa – Adepto menor ou maior e herdeiro da Tradição Hermética (quer escolha a via gnóstica, cabalística, alquímica, rosicruciana) - busca a unidade, a unidade só possível depois de assumidos e vividos (consumidos) o desdobramento e a multiplicidade.

Entre a filosofia hermética e a prática heteronímica há, pois, um elo evidente. Atentemos num fragmento destinado ao livro projectado *O Caminho da Serpente*⁴:

Temos que viver intimamente aquilo que repudiamos (...) Reconhecer a verdade como verdade, e ao mesmo tempo como erro; viver os contrários, não os aceitando; sentir tudo de todas as maneiras, e não ser nada, no fim, senão o entendimento de tudo – quando o homem se ergue a este píncaro, está livre, como em todos os píncaros, está só, como em todos os píncaros, está unido ao céu, a quem nunca está unido, como em todos os píncaros. (E3/ 54A-9)

⁴ Lima de Freitas considera que a «pedra-de-toque» do universo hermético pessoano é o conjunto de fragmentos para *O Caminho da Serpente* (*Way of the Serpent*), já que «a sua essência diz respeito a um núcleo de ensinamentos tradicionais extremamente arcaicos, que nos surgem na filiação egípcia, depois grega e judaica, núcleo sincrético que poderíamos designar como “alexandrino” e que foi oculto, no transcurso dos séculos, pela triunfo das filosofias da razão e das religiões do espírito» (Freitas, 2006: 256).

Como não pensar imediatamente nos versos de Álvaro de Campos: «Sentir tudo de todas as maneiras, / Ter todas as opiniões, / Ser sincero contradizendo-se a cada minuto, / Desagradar a si-próprio pela plena liberalidade de espírito, / E amar as coisas como Deus» (início de «A Passagem das Horas») ou nestes outros versos de um outro poema:

*Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
Estiver, sentir, viver, for,
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora,
Mais análogo serei a Deus, seja ela quem for,
Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco.*
(Campos, 2002: 251).

E como não pensar também nos versos de Ricardo Reis:

*Que os Deuses me concedam que, despido
De afectos, tenha a fria liberdade
Dos píncaros sem nada.
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre; quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos Deuses.*
(Reis, 2007: 188)

Num dos fragmentos para o seu *Ensaio sobre a Iniciação* (ou *Essay on Initiation*), afirma Fernando Pessoa que

É difícil, evidentemente, compreender o que significa União com Deus, mas é possível dar alguma ideia (...) qualquer que tenha sido a maneira como Deus criou o mundo, a substância dessa criação foi a conversão por Deus da sua própria consciência nas consciências plurais dos seres separados (...) A União com Deus significa portanto a repetição, pelo Adepto, do Acto Divino da Criação, pelo qual se torna idêntico a Deus em acto, ou modo de acto, mas, ao mesmo tempo, uma inversão do Acto Divino, pelo qual está ainda cindido de Deus, ou é o oposto de Deus, ou caso contrário seria o próprio Deus e a união não seria necessária.

O Adepto, se conseguir unir a sua consciência à consciência de todas as coisas, se conseguir torná-la numa inconsciência (...) que é consciente, repetirá dentro de si o Acto Divino, que é a conversão da consciência individual na consciência plural de Deus em indivíduos. (Pessoa, 1986: 456).

Num outro fragmento para a mesma obra, escreve mesmo: «Suponhamos que o escrever grande poesia é o fim da iniciação». Então, nesse caso, numa escala de dez, o estádio de Mestre corresponderia a «8) escrever poesia épica, 9) o escrever poesia dramática, 10) a fusão de toda a poesia, lírica, épica e dramática em algo para além de todas.» (*ibid.*: 448-449). Ora, Pessoa designa-se precisamente como sendo, sobretudo, um poeta dramático, alguém que alia à «exaltação íntima do poeta», a «despersonalização do dramaturgo»⁵. E esta ideia aparece-nos perfeitamente confirmada numa carta já citada, a Casais Monteiro, na qual observa que

Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente o nível da

⁵ Ver carta a João Gaspar Simões, de 11-12-1931 (Pessoa, 1999:255).

bruxaria, que é magia também), caminho esse extremamente perigoso, em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. (Pessoa, 1999: 347)

Finalmente, para Pessoa, o homem de gênio, que o mesmo é dizer, o artista criador, é um iniciado:

The man of genius is a left-hand initiate. Shakespeare. He is an initiate who feels, but does not know, his initiation.

Initiation is admission to the conversation with the Angels. Some hear, others see and hear. The first are on the left, the others on the right. (E3/54B-20)

Dando como exemplo Shakespeare, com quem, tantas vezes parece querer medir-se, não deixará, certamente, de estar a pensar em si próprio.

o o o

Em Almada, contudo, não se poderá colocar da mesma forma a questão de iniciação. Curiosamente, José Augusto França chama-lhe «português sem mestre», querendo significar com isso que, pesem embora as suas fontes e referências culturais, «desde Nietzsche até Hambidge, desde Pitágoras até Moessel, desde Leonardo até Ghika», «foi sempre por outras vias que o pensador atingiu o seu pensamento, muito menos por leitura aturada que por meditação “ingénua” – ou por esta

“*expérience naïve*» de que, muito depois de Almada, falou Merleau-Ponty, nisso pondo uma responsabilidade de modernidade» (França, 1986:162). E lembra o modo como, num auto-retrato conhecido, Almada se representa «sobre um fundo coberto de palavras, frases tomadas a vários autores, como que resumindo, em mote emblemático, a sua própria filosofia do conhecimento» (*ibid.*:392). Numa dessas frases, citação de Arquitas, filósofo pitagórico, amigo de Platão, pode ler-se:

Aquele que sabe tem que ter aprendido de outro ou achado ele só o que sabe; a ciência que se aprende de outro é, por assim dizê-lo, exterior: o que nós mesmos encontramos, a nós pertence e em propriedade. Encontrar sem buscar é coisa difícil e rara; achar aquilo que se busca é cómodo e fácil; ignorar e buscar (aquilo que se ignora) é impossível. (*ibid.*: 393)

Numa outra citação, Almada usa a frase na qual Picasso actualiza, como sublinha José Augusto França, dois mil e trezentos anos depois, a ideia de Arquitas: «Não procuro, encontro...». É deste modo, apoiado em Arquitas, Picasso, mas também em Braque («A Arte é feita para perturbar, a Ciência assegura»), fazendo suas aquelas palavras, que Almada se mostra aos vindouros, como alguém que, acima de tudo, **encontrou**... embora tenha, obviamente, procurado. E fê-lo, ao longo de toda a sua vida, perseguindo o conhecimento *sagrado* do cânone, subjacente a toda a arte. O seu espólio inédito contém dezenas e dezenas de cadernos em que estuda a chamada relação 9/10 e os painéis ditos de Nuno Gonçalves. De resto, o estudo minucioso dos painéis é, para Almada, um meio e não um fim em si, sabendo ele

que, subjacente a esse tríptico, estaria fatalmente, a matriz matemática, o cânone. Ele próprio o afirma, num opúsculo publicado em 1950:

... desejo declarar o seguinte, o qual é mais sério do que toda a primazia de publicidade, fosse esta a da própria “chave” e tendo-a encontrado eu: O Téléon, ou a “chave”, foi pormim encontrado em obras portuguesas do século XV, precisamente a meio do meu trabalho acerca da Regra Única (a mesma “chave” ou “Téléon”) da cultura universal através de todos (diz-se todos) os povos e continentes, desde os mais longínquos milénios a.C., consecutivamente através dos séculos, até aos nossos dias de hoje. (Negreiros, 1950: 12)

E faz também questão de acrescentar: «Não ignoro que sou a negação do investigador, e que simplesmente me aconteceu ter sabido, por mim apenas, o que julguei ensinar-me o professor se o tivesse tido» (*ibid.*: 13). Confirma, assim, que as suas descobertas são as respostas, existentes desde sempre dentro de si, para as perguntas que a leitura do mundo impõe. É no seu livro póstumo, com o sugestivo título de *Ver*, que Almada nos dá conta de algumas dessas descobertas que fez, enquanto pintor. Segundo as palavras do organizador e prefaciador da obra, Lima de Freitas, seu discípulo, Almada comunica-nos:

(...) a descoberta da labris, da lira, da flor-de-lis, da suástica e da savástica, do par e do ímpar, dos pontos cardeais tal como os inscrevem os antigos ritos religiosos; a descoberta da “verdadeira personalidade” de Homero; e também, na súbita transparência dos sinais arcaicos da comunicação simbólica e sagrada, a descoberta ou a redescoberta da existência de uma Tradição primordial –

sobretudo a que lhe chega por via cretense e grega -, isto é, de uma “cadeia d’ouro” que vem ainda mais de trás, certamente do velho Egípto, que Pitágoras retoma e faz florescer em Crotona para reaparecer, séculos volvidos, à tona da história, na obra de Luca Paccioli e de certos pintores e arquitectos da Renascença. Almada, que teve comércio intenso com a obra de Ghyka⁶, presente um anel dessa cadeia oculto na sabedoria contida nos painéis atribuídos a Nuno Gonçalves e inflama-o a ideia (a que não será estranha a influência de Fernando Pessoa) de que poderá, ele próprio, ser um novo elo, transmitindo ao futuro pelo menos parte do segredo prodigioso da “novidade do que há de mais antigo”. (Negreiros, 1982: 10)

A referência a Fernando Pessoa é interessante tanto mais que um dos poucos livros publicados pela sua editora Olisipo é precisamente o poema em prosa (e conferência, apresentada na Liga Naval de Lisboa) intitulado *A Invenção do Dia Claro*, de Almada Negreiros (1921), que subintitulou também de *Ensaio para a iniciação dos portugueses na revelação da pintura*.

Já aí, recorde-se, mais de vinte anos antes dos seus escritos de *Ver*, o autor usa como epígrafe a conhecida passagem, por si traduzida, da *Tábua da Esmeralda* da Tradição Hermética: «- O pequeno é como o grande. / - O que está em cima é análogo ao que está em baixo. / - O interior é como o exterior das coisas. / - Tudo está em tudo». E denuncia, de forma por vezes críptica, que o caminho a seguir é o da verdadeira «invenção» da claridade, da compreensão «ingénua» das coisas - por

⁶ Referência a Matila Ghyka, autor de *O Número de Ouro*, obra fundamental sobre o assunto.

isso, escreve: «(...) ora eu só tenho uma iniciação, é esta de ter sido posto neste mundo à imagem e semelhança de Deus. Não basta?» (Negreiros, 1921: 11). Ensina, assim, que o caminho é sempre pessoal: «Mas eu andei a procurar por todas as vidas uma para copiar e nenhuma era para copiar» (*ibid.*: 12). A vida tem, para Almada, uma *direcção única*⁷, que há-de conduzir ao conhecimento e fazer que o Homem se torne Mestre de si mesmo:

Sonhei um país onde todos chegavam a Mestres. Começava cada qual por fazer a caneta e o aparo com que se punha à escuta do universo; em seguida, fabricava desde a matéria prima o papel onde ia assentando as confidencias que recebia directamente do universo; depois, descia até ao fundo dos rochedos por causa da tinta negra dos chocos; gravava letra por letra o tipo com que compunha as suas palavras; e arrancava da árvore a prensa onde apertava com segurança as descobertas para irem ter com os outros. Eras assim que neste país todos chegavam a Mestres. Era assim que os Mestres iam escrevendo as frases que hão-de salvar a humanidade. (*ibid.*: 12-13)

No entanto, parece descrer desta «salvação», acrescentando: «Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa – salvar a humanidade» (*ibid.*: 13). Nesta altura, intuía (sabia já) que a redenção não está nos livros, mas na capacidade de ler os sinais antegráficos, na sua «simplicidade invencível», através do instinto, «inicial e irrepetível», do conhecimento directo. Ver, saber ver,

⁷ Título de uma conferência de 1932.

é, por isso, como diria também Almada, «o primeiro passo do Homem, o primeiro passo da nossa auto-iniciação». Daí o seu *Elogio da Ingenuidade*, título de uma conferência de 1936, onde diz que «nós, o que sabemos, não é o que outros nos ensinaram, mas apenas o que nós mesmos aprendemos por nós, à custa da nossa ingenuidade» (Negreiros, 2006: 253).

Dir-se-ia, neste ponto, que, apesar do acento tónico posto na auto-aprendizagem (e não por acaso a conferência *Elogio da Ingenuidade* seria a primeira de um conjunto previsto com o título geral de *A Revolução Individual...*), Almada poderia bem ser um outro discípulo do Mestre Caeiro. Não ensina este que «O essencial é saber ver» (poema XXIV de O Guardador de Rebanhos) e que isso exige «uma aprendizagem de desaprender»? Não ensina este também a inocência do olhar, o pasmo «Que tem uma criança se, ao nascer, / Reparasse que nascera deveras...» (*ibid.*, poema II)? Não quereria Almada dizer, como Alberto Caeiro: «Sintome nascido a cada momento/ Para a eterna novidade do mundo...» (*ibid.*)?

Também o estudo e compreensão do número, numa assumida filiação pitagórica, constitui para Almada, de certa maneira, uma forma de conhecimento iniciático. Para Almada, escreve Lima de Freitas, «como de resto para uma tradição que remonta pelo menos a Pitágoras, os números revestem um significado qualitativo e estrutural que ultrapassa de longe o serviço utilitário a que se prestam pelas várias operações» (Freitas, 1990: 73). Almada compreende que a «geometria é anterior à aritmética», que o Número se vê antes de se contar. A

chave dessa visão, escreve ainda Lima de Freitas, «é a geometria ou, por outras palavras, antes de ser algarismo o número é figura geométrica: círculo, triângulo, estrutura poligonal. Mais ainda: a cada número corresponde uma estrutura semiológica cuja gênese só poderá ser encontrada por meio daquilo a que poderíamos chamar uma ontologia fenomenológica do ser(...).» (*ibid.*). É esta concepção do número que leva Almada Negreiros a afirmar, por exemplo:

O intangível é aqui representado pelo ponto e pelo círculo, diáfano o alfa e o ómega, abrangendo tudo o que lhe é intermédio. É a definição do sagrado. A sua representação geométrica é o círculo, símbolo do perfeito.

O quadrado inscrito representa o domínio do sensível, faz parte do sagrado, do uno e não cobre o todo do círculo (perfeito). Contudo, o sagrado e o sensível são a mesma essência e ambos o mesmo movimento desde o ponto até ao círculo com o raio infinito. (...)

Entretanto encontrámos no ponto, no círculo, no quadrado e nos seus quatro lados, os quatro primeiros números da sua série infinita: entrámos no “belo achado da aritmética”.

Os quatro primeiros números são os da Tétrada Sagrada, ou o Sagrado quartenário de Pitágoras (...). (Negreiros, 1982: 185-186)

E Almada remata este capítulo, dizendo que «o número é o “belo achado”, ou o “belo”, “achado”, ou melhor ainda, o achado do belo» (*ibid.*: 188). Nesta síntese feliz, reafirma o autor a sua «descoberta»: a de que a «única razão da existência da arte é a unidade», pois «o belo não está separado do uno no lógos mas tem a sua vez na inseparabilidade eterna do sagrado e do sensível e depois de vivido o cognoscível» (*ibid.*: 185). Uma vez mais, $1+1=1$.

Se, ao nível da expressão literária, a obra almadiana não é, pelo menos de modo tão explícito como a pessoana, fértil em alusões de carácter dito esotérico, só aparentemente essa dimensão está ausente. A sua mensagem «cifrada» não deixa de ser «a semente de um saber *outro*, o eco retomado de uma antiguidade que repercute em certas grandes obras de arte e em certas tradições remotas, misteriosamente vivas, misteriosamente próximas de nós» (Freitas, 1990: 23).

Por outro lado, a presença de um pensamento esotérico na obra literária de Pessoa (e não só ao nível da sua concepção global) é, como se sabe, hoje quase unanimemente reconhecida. Lembramos de imediato poemas como «O Último Sortilégio», «No túmulo de Christian Rosencreutz», «Iniciação», o conhecido «Cavaleiro-monge» ou o menos conhecido «Marinheiro-monge», entre muitos outros. Lembramos, inevitavelmente, uma obra como *Mensagem*, verdadeiro manual de «iniciação», para quem souber ou puder entender os símbolos e sinais que a percorrem e perceber a estrutura numerológica em que assenta⁸. Mas poderíamos ainda pensar num conjunto apreciável de contos, entre os quais «A Hora do Diabo», «O filósofo hermético» ou «O Peregrino», que Pessoa deixou incompletos. No caderno em que escreveu o que nos ficou deste último, a narrativa surge interrompida e intercalada por aponta-

⁸ Lima de Freitas chama a atenção para a o facto de Pessoa, ter «clara consciência da concepção pitagórica (e cabalística) do Número» (Freitas, 2006:266). Com efeito, muitos dos seus papéis o confirmam. Também neste aspecto, Pessoa e Almada nos surgem irmanados.

mentos para algumas das partes ainda não escritas e por esquemas relacionados com a sua temática, que asseveram, se preciso fosse, a sua natureza esotérica.

Não podemos, assim, deixar de concordar com Yvette Centeno, quando considera Fernando Pessoa «um filósofo hermético, consciente e assumido», para quem «a prática da poesia, no seu caso como no dos trovadores influenciados pelo maniqueísmo, foi uma prática mística e não apenas literária» (Centeno, 1985: 10).

Estamos, pois, em presença de dois autores modernistas cujas obras reflectem inegavelmente um forte vínculo à Tradição Hermética. Dois homens possuidores de uma extensa cultura tradicional. Dois Iniciados no Conhecimento, dito «oculto» apenas porque representa o outro lado das coisas, que, sendo a todos oferecido, muito poucos aceitam e querem (ou podem) ver. Quer as suas Iniciações tenham sido canónicas ou tão-só figuradas, cumpriram o seu desígnio, pois o seu segredo é sempre o mesmo: «modificar o homem, fazê-lo participar do UNO de que é uma das formas, uma das emanações» (*ibid.*: 73). Por isso, cada um à sua maneira, foi, no fim de contas, Discípulo ou Mestre de si próprio, e é, poderá ser também, nosso Mentor, nosso Guia⁹.

⁹ Lembro uma opinião de Jacinto do Prado Coelho, expressa no Apêndice da 6ª edição de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, fortemente contestada por Lima de Freitas (Freitas, 2006: 250-251), segundo a qual não poderíamos, de modo algum, ver em Pessoa «um guia espiritual, um mentor», dado o seu proverbial fingimento, o seu pensamento «surpreendentemente lógico e espantosamente arbitrário» e a sua tendência para o puro jogo.

ORPHEU EM PESSOA

Cid Seixas e Adriano Eysen
organizaram este volume a partir
dos trabalhos apresentados ao
Simpósio Internacional 100 anos da Revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade.

Com este livro,
mais um grupo de estudiosos
brasileiros e estrangeiros
integra-se ao esforço reatizado
no processo de consolidação
da Editora Universitária do Livro Digital,
empreendimento destinado a oferecer
à comunidade publicações de real valor
e acesso inteiramente gratuito.

Um trabalho com o selo de qualidade

e-book.br